

O conteúdo do começo do pensar em Deus em Hegel

The content of the beginning of thinking about God in Hegel

El contenido del comienzo del pensar en Dios en Hegel

DOI: 10.5281/zenodo.22947800

Recebido: 22 set 2026

Aprovado: 24 set 2026

Caio César Costa Santos

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. (Lagarto - Sergipe, Brasil)

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3778-035X>

E-mail: cesarinmind@gmail.com

RESUMO

O ensaio tenta esclarecer, em linhas gerais, o conceito de “começo” em Hegel. Nos servimos, para isto, de alguns fragmentos das Lições de 1827 na qual Hegel afirma que “nada no começo pode ser afirmado ou realizado precedentemente”. Em um segundo momento, tentamos explicar o conteúdo do começo do pensar em Deus o qual não é possível sem a abstração representativa e/ou intelectiva. E, em um terceiro momento, trataremos da afirmação hegeliana de que “o conceito do gérmen é o seu começo”. Por fim, concluimos, de modo ainda muito superficial, que, para Hegel, Deus seria o Começo.

Palavras-chave: Conteúdo, Começo, Pensar, Lições de 1827, Hegel;

ABSTRACT

This essay attempts to clarify, in general terms, the concept of “beginning” in Hegel. To this end, we use fragments from the 1827 Lectures in which Hegel states that “nothing in the beginning can be affirmed or realized beforehand”. Secondly, we attempt to explain the content of the beginning of to think in God, which is not possible without representative and/or intellectual abstraction. And, thirdly, we will address Hegel's assertion that “the concept of the germ is its beginning.” Finally, we conclude, still very superficially, that for Hegel, God would be “the Beginning”.

Keywords: Content. Beginning. Thinking. Lectures of 1827. Hegel;

RESUMEN

Este ensayo pretende aclarar, en términos generales, el concepto de «comienzo» en Hegel. Para ello, utilizamos fragmentos de las Lecciones de 1827 en las que Hegel afirma que «nada en el comienzo puede ser afirmado o realizado previamente». En segundo lugar, intentamos explicar el contenido del comienzo del pensamiento en Dios, lo cual no es posible sin la abstracción representativa y/o intelectiva. Y, en tercer lugar, abordaremos la afirmación de Hegel de que «el concepto del germen es su comienzo». Finalmente, concluimos, aunque de forma muy superficial, que para Hegel, Dios sería el Comienzo.

Palabras clave: Contenido. Comienzo. Pensamiento. Lecciones de 1827. Hegel.

1. INTRODUÇÃO

Nas *Lições de 1827*, Hegel nos apresenta, com base na filosofia da religião, um conceito muito do muito forte e potente que é o conceito denominado *começo*. Neste sentido, o começo, para Hegel (2018b), é o início e o fim ou o primeiro e o último. Nesta visão, ainda para Hegel (2018b), o conceito se reafirma no começo quando o conceito, que é Deus, o Supremo, é o Começo. O começo sim, dentro de uma lógica dialética e sistêmica. Assim, a ordem dos fatores não altera o produto porque sendo o início ou o fim, ou mesmo, o último ou o começo, tudo se encontra numa perfeita simbiose dialética. Em Deus, o conceito hegeliano de começo é o mesmo, ou seja, é a mesmidade absoluta e suprema e/ou eterna do começo de tudo, como também o fim de tudo. O começo, na ordem lógica, é o início, como também, em sua fonte final e/ou inversa é o fim de tudo. Logo, o conceito hegeliano de começo molda-se na base de uma filosofia mesmo *medievalis* quando o sentido suprassentido de “medieval” significa “meio”, “intermeio”, “conexão” ou mesmo “ligação umbilical entre dois fenômenos ou duas coisas”. Sendo assim, o fim é o começo e o começo é o fim. Com este sentido, nunca se saberá onde estamos como meros mortais que somos; ou no começo ou no fim ou vice-versa. Neste sentido ainda, a lógica de Hegel é demonstrar que em todo o fio que interliga o começo e o fim ou o fim e o começo há uma fina linha que não separa, mas interliga ou mesmo intermedeia os dois opostos - o começo e o fim. Sendo assim, a sua aparente, mas real “união” nos é também a sua “desunião” na fortaleza de demonstrar que, na visão de Hegel (2018b) e seguindo uma filosofia do espírito religioso, o começo e o fim, bem como o fim e o começo é inevitavelmente o grande paradoxo absoluto e supremo de toda uma vida, ou melhor, de toda a vida. Na ordem do supremo, não há, digamos, uma supremacia entre branco ou preto ou mesmo início e fim porque, como dissemos, a ordem dos fatores não altera o produto, logo, “ser forte” e “ser fraco” é tudo a mesma coisa. A sintética desta lógica são apenas duas coisas mesmo - o começo e o fim, mas, em sua própria verdade dinâmica, o que acontece são, na verdade e em sua verdade, três coisas - o começo, o meio e o fim - porque aquilo que conhecemos como o “meio” não é, em sua cobertura, algo do mais absolutamente “real”, mas, apenas, uma pseudoideia ou uma ideia falsa e/ou virtual do que ele próprio intermedeia o encontro entre começo e fim.

Sendo assim, o meio sintetiza a relação porque, em sua totalidade lógica, o que ele faz mesmo é interligar duas mesmidades - começo e o fim. Nesta lógica proeminente, o “meio” é a razão da relação de ligação entre o começo e o fim e o fim e o começo. Assim e desta forma, o começo só pode ser começo e o fim só pode ser fim quando o encontro entre ambos se realiza na sua pura determinação de ser um a mesmidade do outro porque simplesmente eles se *complementam*. Este peculiar que se passa desavisado ou despercebido na filosofia do começo é mesmo uma ordem natural de gradual importância porque o universo mesmo, em sua determinidade e mesmidade absolutas, é sempre o começo e o fim o fim e o começo. Logo,

todo o universo como conhecemos hoje em parte é, na verdade e em sua verdade, um encontro entre mesmos, ou melhor, este “encontro” é, na verdade, uma “linha” absolutamente “reta” que interliga o começo que sempre foi o começo, o meio que intermedeia esta relação e o fim que sempre foi e será fim. Assim, a origem seria o retorno e do retorno se volta à origem. Assim ainda, o começo de tudo se começa realmente e de modo absoluto no começo mesmo e quando se chega e/ou atinge o fim se volta de modo retrospectivo ao começo onde, no interior profundo desta relação, o meio é a única verdade intermediadora que não passa de ser uma “irrealidade real”. O que tentamos dizer até aqui é que o começo somente começa por via do começo e o fim só se finitiza no fim que este se consuma, mas retorna novamente ao começo. É como se fossem duas setas verticais uma em cima e outra embaixo superconectadas, abrindo a continuidade da passagem entre a mesmidade do começo e a mesmidade do fim. Só que, porém, o meio não aparece nesta relação porque ele fica como que “oculto” aos olhos destas duas mesmidades, supremas e absolutas. O começo do universo, numa ordem temporal suprema, quer dizer que este mesmo começo já foi o fim de si mesmo, ou seja, um *outro começo*.

Numa ordem lógica, podemos dizer, sem sombra de dúvidas, que Deus é o Começo, bem como o Fim de tudo o mais. Vejo que, na ordem deste nosso raciocínio, Deus seria o Começo, ou seja, o Primeiro Ato e/ou Impulso para que as coisas subsequentes e/ou seguintes acontecessem. Porque, em toda ordem lógica temporal, há, inevitavelmente, o começo e o fim; nunca apenas e em si mesmo o fim, fatal, mas sempre e novamente *um outro e novo começo*. Dito isto, há, sem medo de errar e absolutamente falando, um começo em toda a hierarquia de todas as coisas quando o propósito capital de Deus sempre foi a alegria do Começo da Vida. Deus, em sua onipotência e em sua supremacia, dá o impulso que irá culminar no começo de todos os começos de todas as vidas. Sendo assim, dentro de uma ordem lógica e hierárquica, há, em cada vida o alento do começo e em cada vida que se consuma ou se finitiza o alento também do começo porque a filosofia do conceito explica que todo o conceito de vida é, na verdade e em sua verdade, um *começo de vida*. Então, neste sentido e com este sentido, Deus seria e/ou representaria, em Sua forma a mais perfeita possível, o Alento da Vida ou, se quiser preferir chamar, o *Começo da Vida*.

Assim, em toda a ordem e/ou forma física, psíquica, consciencial, anímica ou mesmo espiritual, há o seu começo, bem como o seu fim. Isto quer dizer que em todos os fenômenos que, em sua maioria, coexistem de vida, *sopram neles* o alento divino e até sedutor do começo e do fim. Hegel (2018b, p. 51, grifo meu) nos diz na *Lições de 1827*, “mas quando se *começa*, todavia se tem demonstrado nada; *nem é possível remeter a nada precedente*. Demonstrar, em um sentido superficial, significa que um conteúdo, tese ou conceito tem sido postos em evidência *como resultado de algo precedente*”. Ou seja, seguindo esta lógica, nada de nada precedente não será o mesmo sem o começo porque o começo não é ainda nada

precedente. Ou seja, neste sentido, Deus, por exemplo, sendo ou representado pelo universo, é o conceito do começo em que nada precedente ainda existia. Ou seja, em uma palavra, Deus, à esta época, é o *Conceito do Começo Absoluto* ou, se quiser preferir, o *Próprio Começo*. Isto que acabara de ser dito é tão verdadeiro quanto dizer que Deus é, para nós e para todos os seres, o *conhecimento verdadeiro por excelência*. Neste sentido, a excelência de Deus seria propriamente o começo e, no começo, dentro da lógica e ótica hegeliana, se daria o início do conceito. Assim, para Hegel (2018b), o começo só passa a se tornar “conceito” quando o começo começa a acontecer. Assim e só assim, quando o próprio começo dá início ao seu “começar”, ou seja, quando o começo é propriamente o “começar”, ou seja novamente, já deu início ao seu “começar”; aí sim se pode falar, então, da consumação e/ou da finitização do próprio fim deste mesmo começo. Porque, numa ordem absolutamente lógica e temporal, quando o começa começa ele já de antemão já está como que se finalizando porque, novamente, em todo o começo que decide, por ele mesmo, “começar”;; há, atrelado e imanente a ele, um fim que dissipa a “energia” do começo e faz renascer e/ou ressurgir das cinzas um outro e novo começo.

Neste enunciado, Hegel (2016) tenta nos dizer que o nada sendo o nada puro e por excelência não pode ser absorvido nem pelo começo, nem pelo fim, muito menos pelo meio que é uma falsa verdade. Porque o nada puro é apenas nada. Nada de nada, ou seja, nada. Puramente falando. Enquanto que, quando o ser devolve ao nada a sua *concretude*, tornando-o menos abstrato; o nada atinge a figura do ser-aí e, no confronto com a imediatidade do ser, o nada *se torna* um “nada determinado”.

Neste sentido, o real propósito de Deus é está sempre, na ótica hegeliana, na superfície e na interioridade da imediatidade do homem quando o ser deste, penetrando a substância divina, *penetra* ainda mais o Ser de Deus. Assim, Deus, como ordem suprema temporal, não se encontra apenas no limite da imanência da superfície da imediatidade do homem, mas também em sua *bela profundidade* de ser um homem, no caso, humano, ou seja, escolhido por Deus, o Pai para ser a Tua imagem e semelhança.

Numa ordem absolutamente universal, o universo se resumiria em *origem e retorno, retorno e origem*. Ou, no vocábulo hegeliano, seria o *começo* e o *fim*, o *fim* e o *começo*. Indo agora por outro fio de raciocínio (Hegel, 2018b), Hegel (2014) admite que a consciência subjetiva e/ou finita do homem está em conexão absoluta com a Consciência Suprema e/ou Absoluta. Para Hegel (2014), o ser-aí ou ser-humano só atinge, filosoficamente é meramente falando ou superficialmente falando, o estado de “espírito absoluto” quando está completamente emergido pela determinação da determinidade da Consciência Absoluta. Com isto, Hegel também quer nos dizer que, na contextualidade da consciência, o paradoxo de toda a “consciência” é o entremeio e/ou a intersecção entre Consciência Absoluta e consciência subjetiva. E, Hegel (2018b), ainda complementa dizendo que é a filosofia da religião o modo ou a forma de apreender Deus ao

menos *cognitivamente* na mente. Como Hegel demonstra em sua *Lógica*, o ser vai da essência para o conceito e, chegando no conceito, atinge o índice de representação necessário e fundamental para, no caso, do conceito do começo. Normalmente e de modo determinado, o conceito abrange variados e múltiplos fenômenos da vida como, por exemplo, o tempo. O tempo, dentro desta dinâmica intrínseca, absorve do conceito do tempo a sua origem, bem como o seu retorno; quando o meio é o seu *contorno*. Assim e somente assim, o começo origina *algo*, o fim retorna *algo* e o meio contorna *algo* (Hegel, 2016; 2017).

Em suma, o conceito integra, em Hegel (2018b), o pilar de sua teoria quando o conceito hegeliano é mesmo tanto a origem quanto o retorno da dialética hegeliana. Assim, a imediatez do fenômeno da lógica do conceito se dá na espiritualização do gérmen de todo o conceito quando, na finitude ou na infinitude de sua origem ou de seu retorno, o conceito seria, na melhor das hipóteses, o grande conceito vivificador da arquitetônica do sistema filosófico hegeliano. Assim e somente assim, na contextualidade do começo, o começo também seria, na melhor das hipóteses, um conceito; conceito este que estaria a vivificar toda a origem, bem como todo o seu retorno porque o conceito do começo nada mais é do que o começo e mais o fim quando o meio é apenas uma fantasia.

2. O PENSAR EM DEUS

Diz Hegel nas *Lições de 1827* - “Quando o homem *pensa* em Deus, com isto também formulado o processo pelo qual o homem se eleva *acima* do sensível, exterior e singular; se formula uma elevação ao puro, *em acordo consigo mesmo*. Esta elevação é um *ir*, acima do sensível e do mero sentimento e esta região do universal é o *pensar*. Tal é o *conteúdo do começo* e tal, *subjetivamente*, o *âmbito para este conteúdo*” (Hegel, 2018b, p. 47). Normalmente e na dialética hegeliana, o *começo* é visto como o *conceito* que rompe com o nada puro e absorve de sua determinidade de nada um nada determinado porque o ser tenha entrado em confronto, de modo simples, com a imediatidade do ser-aí. O *começo* seria, numa acepção particular, o *gérmen* do qual tudo o mais seguinte se desencadeia. Neste sentido e com este sentido, a percepção do lugar do ser fica aterrissada no desfecho capital que é a determinação da determinidade do ser em confronto, ou melhor, em conexão com a determinidade do ser de Deus. Neste íterim, quando o nada, que era sumamente e inteiramente puro, entra em conexão com a emergência do ser, a determinidade do nada não aparece mais como um obstáculo porque o inserimento do ser, na lógica dos opostos entre “ser” e “nada”, possibilitou a sua determinação. Logo, o *começo*, como um *conceito*, *inicia* fielmente e determinadamente falando, quando o invólucro do nada é permeado de *concretudes* pelo atravessamento da determinidade da imediatidade do ser. Assim, o *começo*, como um *gérmen*, é resultado da dialética da pura imediatez do nada e da pura imediatez do ser. Sendo assim e desta forma, o *começo* não é um nada,

mas, muito além disto, o começo é o *começo* porque, em suma, este do nada *nada conserva*. Assim, a lógica do começo vai tecendo os seus pontos suficientemente lógicos para demonstrar que nada precedente pode estar unido e/ou interligado ao *início* ou ao *começo* porque, justamente, o *começo* nada mais é do que o começo e não nunca o nada.

O nada precedente, na sua constituição ontológica de ser, não passa necessariamente de um nada ainda disperso, ou seja, apesar de abstrato por excelência, ainda que jogado na inércia de seu próprio abismo, ele *espera pacientemente* para que algum tipo de determinação lógica aconteça para, por fim, aterrisar na dinâmica da contextualidade do *começo*, ou seja, começar a ser também absorvido, na sua determinação de ser, um nada determinado. O que queremos dizer com isto? Que aquela percepção que o nada precedente não é nada mais que um “ponto lógico amorfo e/ou semipresente” cai por terra quando a determinação do ser, em seu *puro pensar*, adentra o campo do nada e passa, então, finalmente, a determiná-lo. Com este sentido e dentro ainda desta lógica, o nada precedente só deixaria de ser um nada puro necessariamente quando o pensar lógico do ser-aí, que é o homem, resolve, na sua perfeita constituição ontológica de ser, *pensar* em Deus. Dentro desta ótica, quando o ser-aí *pensa* em Deus, neste mesmo exato momento, é aonde o *começo começa*. E, ao começo começar, dá-se início à determinação do nada e à determinação do ser porque o gérmen de onde é o começo no conceito de ser o que ele é, “ser” e “nada”, adere à forma de concretude do *pensar humano*, ou seja, da *subjetividade* ou da *consciência subjetiva*. Aí, então, o *começo*, que era na sua forma inicial, um *gérmen*, passa a se tornar um merecido e esperado “conceito” - o conceito de que Deus, então, *existe* e que, pela via do *pensar*, é onde o homem poderá, sem sombra de dúvidas, estar mais próximo do Pai, Deus. Dentro ainda desta abordagem, o universo aparece também a nós da mesma forma porque o *pensar*, como ciência lógica, passa a determinar o estado de onde e pelo qual e no qual eu vejo o mundo, eu sinto o mundo, eu ouço o mundo e etc.

Assim, segundo Hegel (2018b), é o *pensar* que torna concreto qualquer forma e/ou indício de fenômeno que é, por natureza, *abstrato*. Logo, é o *pensar* que *concretiza* qualquer tipo de forma abstrata ou a mais abstrata possível porque, dentro desta lógica hegeliana, é o *pensar* que “quebra” as correntes ou cadeias da abstratividade e passa a formar, em volta de sua envoltura abstrata, anéis de luz que fazem, na medida do possível, *clarear* um pouco mais e de modo bem paulatino, a escuridão, a nebulosidade e/ou a densidade da força e/ou do poder de abstratividade de algo, ou seja, de qualquer fenômeno. O *pensar* realmente “quebra” primeiramente toda a ilusão abstrata de origem do *algo* e, ao “quebrá-la”, insere, pela sua própria constituição característica de pensar, o índice da suavidade de concretude, quando o modo mais comum possível e ordinário do pensar, é *concretizar* qualquer *espacio abstractus* possível, inserindo aí, a sua marca característica, que é o ato de pensar, *concretizando algo*. Então, todo o *algo* passa pelo crivo da

atualização de cada gérmen que é inserido nesta dinâmica peculiar na exata medida mesma também que cada gérmen com o ato de pensar, acaba paulatinamente *dissolvendo* a sua camada singular de abstração e passa, novamente aos poucos, a incorporar um corpo menos abstrato em sua abstratividade e mais corporificado pela concretude do brilho do ato que é o pensar. Neste sentido, para Hegel (2018b), o *ato de pensar* do homem realoca e/ou reintrojeta a dinâmica do *diluir*, ou seja, do diluir, em componentes mais claros possíveis, a latente escuridão de abstratividade que lhe é tão característica. Assim e deste modo, o *corpo do abstrato*, ou seja, o *algo* que em cada *gérmen* que é o *começo* está contido, vai desmembrando todo o seu modo corpuscular abstrato de ser e, pelo *pensar*, vai *suavizando* toda esta forma a ponto de encontrarmos, no final, o *conceito do conteúdo do começo*.

Seguindo suficientemente esta lógica de análise, o *conteúdo do começo* nada mais seria do que toda esta parte sensível de que Hegel (2014) fala - ou seja - toda a porção que vai do intelecto, passando pelo raciocínio lógico, até se chegar à sensibilidade ou ao sentimento perante às coisas. Porque, para Hegel mesmo, o *pensar*, como categoria por natureza lógica, só adere, ou seja, somente atinge a universalidade de Deus quando Deus, como determinação lógica, desce do Alto para se encontrar com a determinidade do ser do ser-aí e, com a vontade e/ou desejo do ser-aí, Deus passa a estar-contido na pura imediatez da imediatidade do homem. Só assim e desta forma, o *pensar em Deus* acontece, ou seja, só quando o *pensar*, que é algo do sensível, superpassa este nível, digamos, “superficial” e adentra na profundidade do ser de Deus. Aí sim, é quando o *pensar*, até o limite de sua lógica, passa a se conectar com Deus, o Pai, e aí, então, a universalidade de Deus passa a ser a mesma *mesmidade* da universalidade do homem. Ou seja, quando estes dois universais são apenas um, ou seja ainda, um único *uno*. Então, Hegel chama o “pensar” de “mero pensar”, mas, o próprio Hegel (2018b), ele próprio, admite que o *pensar* é categoria lógica fundamental para que o homem, mesmo diante da superficialidade característica que é o *pensar*, possa, diante de seu limite lógico pensante e como *sujeito pensante e/ou cognoscente*, logicamente falando, pelo *pensar*, possa chegar a Deus.

Hegel (2018b, grifo meu, p. 48) nos afirma com convicção - “Tal é a *forma do conteúdo* no começo e este *conteúdo* permanece como fundamento. Durante todo o desenvolvimento, Deus *não está fora da unidade consigo mesmo*. Quando Ele, tal como somente diz-se, *cria* o mundo, *não ingressa um novo princípio*, não surge algo novo, algo outro que seria autônomo, independente. Deus segue sendo somente este *uno*; a única realidade verdadeira, o único princípio permanece através de toda particularidade”. Ou seja, por trás de toda a mudança e/ou particularidade, Deus se conserva o mesmo porque Ele é Imutável. Assim, para Hegel, a única instância mais suprema de todas, ou melhor, o único Todo dos todos e de tudo o mais que há vida, porque em tudo há vida, é *Deus*. Porque Deus se conserva a si mesmo e em nenhum

momento pode aceitar que *algo* o modifique. Assim, sendo eterno, Ele é também Imutável porque, na esteira da lógica hegeliana, somente as demais coisas, como o universo, não são imutáveis, apenas Deus, o *Único e o Incognoscível*. Portanto, pelo outro lado desta linha de raciocínio, Deus, por ter *criado* a criatura, o homem, o homem, na sua perfeição de ser *algo* criado por Deus, é necessariamente *a sua imagem e semelhança*. Então, é pelo *pensar* que não a racionalidade, mas o intelecto que pode chegar de modo suficiente naquilo que conhecemos, em parte, o que Deus, o Pai, é. Então, na emergência do homem se conectar perfeitamente por Deus, não é porque apenas o homem é um sujeito pensante e/ou cognoscente, mas, acima de tudo e de modo perfeito, é porque Deus, na forma mais perfeita possível, *o criou*.

Assim e somente assim, *o conteúdo do começo*, para Hegel (2018b), é este *pensar* com os sentidos mesmo ou pelo mero sentimento, mas, o pensar mesmo em Deus, não é necessariamente “encontrar-se com Deus”, mas apenas uma forma muito primária, inicial e do muito superficial de *pensar em Deus*. Logo, na ótica hegeliana, quando o sujeito pensante *pensa em Deus*, ele não encontra Deus, mas, apenas encontra Ele muito superficialmente no limite da Tua imanência de Tua imediatidade. Porque, como vimos, tudo começa mesmo no *começo* e, o *começo*, nada mais é do que o broto e/ou o gérmen que dá início à concretude do pensar, do pensamento inicialmente abstrato. Assim e somente assim, o *pensar abstrato*, conforme o *conceito do começo* vai se compondo na imagem, ainda que abstrata de um gérmen, este *gérmen*, logicamente falando, somente se tornará um *algo* quando o *pensar abstrato em Deus* formar, em toda a sua envoltura espiritual, um pensar absolutamente *concreto* acerca de Deus. Assim, para Hegel, é somente deste modo, claro, logicamente falando, que a essência verdadeira de Deus passa a se tornar *algo presente*.

Então, *o conteúdo mesmo do começo* é o *pensar em Deus* porque, sendo verdadeira a sentença - “Deus realmente existe” - aquilo ou o algo que vai tornar este pensamento uma verdade é como o pensar, na sua pura imediatez, estar realmente conectado à imediatidade do Pai; porém; tudo isto somente em forma de *determinação lógica*. Assim, para Hegel, a única criatura que é, ontologicamente falando, a mais propícia para se chegar a Deus é o *sujeito pensante*, o homem, porque é, pelo pensar a religião e por pensar ele, o homem, que Deus é o *espírito absoluto por excelência*, então, o *sujeito pensante*, que é o homem, pode, na medida do possível e na medida de toda circunstância, chegar a Deus. Logo, assim, o *pensar* é, por natureza, *abstrato por si mesmo*, mas, porém, todavia, é na determinação da determinidade da imediatidade do ser que o *pensar* se tornará um *algo concreto* e é somente, na concretude deste ato pensante, que o homem, como sujeito pensante, pode se chegar a Deus. Logo, ainda assim, *o conteúdo do começo* é mesmo, propriamente e logicamente falando, *o pensar e, pensar em Deus*, quer dizer que o *gérmen do conceito do começo* está *em atividade e/ou expansão*. Quando este gérmen torna-se realmente um “conceito do começo”, aí sim se pode falar de uma “aproximação” e/ou “proximidade” com Deus, mas, repitamos, só

quando a determinidade da imediatidade do conceito do que é Deus está completa no ser do homem. Somente desta forma, Deus *passa ou começa* a aparecer para ele, de múltiplas formas cujo o *pensar* será ainda, na sua forma concreta, o instrumento e/ou veículo principal para *apreender* finalmente Deus.

3. A IDEALIDADE DA IDEIA DO ESPÍRITO DO GÉRMEN DE CONTEÚDO VIRTUAL

Nas *Lições de 1827* do seu compêndio de filosofia da religião ao falar das determinações do campo religioso e teológico, Hegel na página 42 afirma (2018b): “na consideração filosófica, o conceito constitui também o começo, mas ele é a substância da coisa, é como o gérmen a partir do qual se desenvolve a árvore inteira. No gérmen se contém todas as determinações, toda a natureza da árvore, seu tipo de savia, ramificação, etc., mas não pré-formadas de modo tal que, se se tomar um microscópio, se veriam em detalhe as ramas, as folhas etc., mas como contidas em uma envoltura espiritual” (Hegel 2018b, P. 42). Nesta asserção, Hegel quer nos demonstrar, em linhas gerais, que o espírito, em sua forma primária, contém, tanto dentro como fora, uma espécie de envoltura espiritual (e/ou celeste) da qual e a partir da qual possibilita a germinação e/ou o afloramento de *algo*. Este *algo* seria, neste caso e na verdade (ou em sua verdade) uma ramificação de uma árvore que, da qual, se projetaria naquilo que conhecemos como “uma determinada árvore”. Esta força da tal envoltura espiritual desta planta, segundo Hegel, advém de seu estado mais profundo possível que, ainda segundo ele, é determinadamente despertado de seu *gérmen*. O gérmen ou mesmo “o interior” da planta é, à primeira vista e em sua verdade, um tipo de envoltura espiritualizada ainda muito do muito “nebulosa”; meio que entreaberta, mas constituída de um corpúsculo ainda do muito “escuro” porque das flores que possivelmente e prospectivamente irão germinar desta *síntese abstrata*; o processo pelo qual isto ainda irá se “concretizar” ainda é do muito trabalhoso porque o contexto pelo qual a planta toma uma forma de planta começa, inicialmente e determinadamente falando, a partir do *começo* e, ainda segundo Hegel (2018b), o *começo* é, na verdade e em sua verdade, o *conceito*.

Vamos inicialmente a este denominado *conceito* que é o *começo* para, posteriormente, tecer algumas palavras sobre o *gérmen* com a sua *envoltura espiritual* (e/ou celeste). Bem, o *começo* significa, na acepção latina, um vocábulo que tem o sentido de *início*. Segundo a grande tradição filosófica, o *início* ou o *começo* é onde e através do qual *inicia* tudo; ou melhor; onde tudo ou todo o acontecimento passa a iniciar a acontecer. Deste modo, o *conceito*, que é o *começo*, para Hegel (2018b), seria o gérmen que dá o início fatal, ou seja, o *início* que, por onde algo *começa*, *inicia* este fenômeno do *algo*, sem cessar. Porque quando ou no momento em que se *inicia* “alguma coisa” não é possível mais, de modo algum, *retornar para trás*, mas, na acepção de Hegel, apenas *ir para frente*; como mesmo um *impulso em absoluta ascensão*. Nesta ótica, quando se dar o *início*, não tem mais volta ou vez porque o *início* já produziu o *começo* e, do

começo, produziu não o término, nunca mais o término, mas sempre sim um incessante *espírito propulsor* que, na visão de Hegel (2018b), este espírito propulsor é *ativo, eterno*, mas *não-imediato*. Mas, por quê será que, para Hegel, este espírito é *não-imediato*? Em uma palavra, poderemos responder: “porque o espírito é incessante e porque é “*incessante*”; ele é *eterno, puro* e sempre e a cada vez *ativo*. Sendo assim e somente desta forma, o *logos* do espírito é sempre o seu *início*; ou melhor; o seu *início absoluto*; sumamente e inteiramente absoluto (Hegel, 2014).

Neste sentido e com este sentido, a absolutez hegeliana se mostra absoluta e o seu aspecto decisivo no *início* porque é como se, dali, do *gérmen* que desencadeou o *início*; se contivesse esta absolutez do *início*; ou seja; o nascimento imperioso e magistral do *espírito*. Na tradição cristã, é como se Deus, na forma de *Espírito Santo*, fosse aquele absoluto e magistral *gérmen* que, dele, produzirá e nascerá futuramente e sempre para frente todas as determinações de suas *ramificações*; o que vai dar finalmente na completude absoluta e inefável da planta; ou melhor; do espírito daquela planta. Deste modo e com este sentido, a perspectiva cristã na base do pensamento de Hegel (2018b), neste contexto abstrato, repousa na premissa de que o *gérmen* é, seria e será *nascimento futuro* da planta quando, em cada nascimento de cada ramificação, as *determinações* destas ramificações não cessarão de se conter até que, segundo Hegel, a sua envoltura espiritual (e/ou celeste) esteja ordinariamente e determinadamente “consumada”; ou seja; completo o seu processo todo de crescimento e desenvolvimento até que se complete, de modo determinante e absoluto, a sua *pura efetividade*. Nesta ótica, a cada probabilidade de crescimento e desenvolvimento da planta; mais e mais, de modo bem paulatino, a planta vai *efetivando*, na sua pura efetividade característica, a completude de seu crescimento espetacular quando, já completa a sua efetividade de “ser planta”, o *começo*, então, é finalmente *efetivado*.

Neste sentido, não existe apenas um *começo*. Na origem deste fenômeno abstrato espiritual é o corpúsculo de luz emanado de origem divina que faz nascer primariamente o *gérmen* que desencadeia a sua *futura envoltura espiritual* (e/ou celeste). Determinadamente e ordinariamente, podemos dizer assim: “o corpo celeste e/ou espiritual da planta em sua forma efetiva nos demonstra logicamente a efetividade da determinação abstrata da idealidade da ideia do espírito do *gérmen* que, por natureza ontológica, possui em si e dentro de si um conteúdo virtual”. A questão da virtualidade deste processo pode ser explicado de modo geral um pouco mais adiante. Voltando ao *começo*, como nos diz Hegel (2018b) muito claramente “o *conceito* é o *começo*”. Neste sentido, poderíamos explicar melhor: “o que seria o *conceito* neste contexto?”. Bem, o *conceito*, para Hegel, em linhas gerais, nada mais seria do que o *conceito* que é o *gérmen*, ou, numa acepção orgânica, um *protótipo* de futura germinação de sua *semente* (e/ou *gérmen*) que vai dar na *efetividade absoluta* da planta (STEIN, 1994). O *conceito*, então, hegeliano, e logicamente falando, é a

imagem prototípica da futura planta que nasce, então, no *conceito* que é, logicamente, o seu *começo*. Sendo assim, o *conceito* seria a temperança do *início*; ou seja; a suavidade do espírito do gérmen se proporia a acontecer a bela e inefável germinação do seu conceito, a saber, a efetividade característica do “ser planta”.

Nesta perspectiva ainda, o “ser-planta” vai da efetividade determinística do espírito do gérmen, que é, no processo, a parte inicialmente concreta que vai até a completude da abstratividade também concreta de seu estado vivo e vivificador que é o espírito completamente *ativo* do *ser-que-sou-agora-planta*. Com este sentido, o *conceito* é, em seu limite abstrato, um “conceito vivificador” que toma o gérmen, na envoltura espiritual, para, por fim, vivificá-lo de modo exatamente e até esotericamente extraordinário. Porque, na linguagem poética, o reino vegetal, neste caso, o nascimento vertiginoso e, ao mesmo tempo, belo de uma planta por meio de sua semente é, na verdade e em sua verdade, *o olhar de Deus, o Pai*, para aquele *ser vivo*. Numa tradição oculta e/ou esotérica, é a luz divina de Deus, o Pai, o que faz nascer, antes mesmo do gérmen, a luz própria, única e singular daquela planta. Estando a luz construído o gérmen pelos *dedos ou as mãos de Deus*, posteriormente e só posteriormente, aquele processo lógico que escrevemos aqui é que começa a se efetivar. Ou seja, aquilo que vai do *conceito* que é o gérmen desencadeador que vai culminar no crescimento sadio e bem frutífero da futura planta.

A questão a que se propõe agora é de onde advém este duplo substrato abstrato, de um lado, de origem divina e, de outro, de origem lógica. Bem, este duplo abstrato vem da *ideia*. Sim. a *Ideia* e a *ideia*. A “*Ideia*” que é de Deus e a “*ideia*” que é do próprio processo constitutivo e lógico do “ser-planta”. Segundo Hegel (2018b, p. 38): “é o *espírito* o que concebe e explicita o *conteúdo*”. Ou seja, esotericamente falando, do *dedo de Deus* nasce a *ideia* do espírito do gérmen de conteúdo essencialmente virtual e, por outro lado ou por outra via, *da ideia do espírito do próprio gérmen* (que nasceste da luz divina e/ou divinizada) dar início, efetivamente falando, ao *início do nascimento do conteúdo virtual da futura planta*. Neste caso, o *início do início* é a *ideia divina* projetada e/ou arquitetada pela mente absoluta de Deus, enquanto que, por outro lado ou por outra via, o *início mortal e/ou terrestre* é, na verdade e em sua verdade, o *início* depois do ato puro de Deus fazer nascer, pela *luz, aquele ser germinativo*. Com este sentido, a projeção da idealidade da ideia do ser divino da planta se apresenta de modo fiel e imensamente e absolutamente vivificador na idealidade de sua origem divina que é o próprio ato puro do dedo de Deus, depositar na planta, o *gérmen* que dará belos e saudáveis *frutos germinativos*. Sendo assim ainda, Deus seria a *Fonte* e, o gérmen já *criado*, a origem lógica de todo este “sistema lógico germinativo” (Hegel, 2018b).

Assim, o logicismo ou a lógica hegeliana do fruto bemcejo nada mais é do que, na designação tomista, o *lume cocriado* que adveio do gérmen fornecido gratuitamente e de ato sumamente bondoso dos

dedos de Deus. A determinação abstrata hegeliana deste ato não é posta na *Lições de 1827*, esta seria, então, no entanto, uma construção nossa.

Contudo, na ordem abstrata do processo, vemos se delinear a visão hegeliana de que o *começo* é o *conceito* e, deste conceito, se suporta o *gérmen* que é a *envoltura* celeste e/ou espiritual a qual dá origem à efetividade da *envoltura espiritual da planta*.

Sobre a lógica do espírito, Hegel (2018b, p. 43, grifo meu) afirma: “o *espírito* pensado como imediato, simples e quieto não é espírito; mas que o espírito consiste essencialmente em ser simplesmente *ativo*. Mas, concretamente, ele é a atividade de *manifestar-se*. O espírito que não se manifesta nem se revela é algo *morto*. Manifestar significa *devenir* para outro”. Neste sentido, todo o *espírito do gérmen* é de *conteúdo* completamente *virtual*; aquilo que é puro são somente duas coisas e/ou dois fenômenos - a efetividade do ato puro do dedo de Deus e a efetividade da completude do ser-planta. Hegel (2018b) afirma que o *espírito do gérmen* é como o *nascimento de uma criança*. A luz divina e divinizante de Deus, o Pai, insere no invólucro do seio materno uterino a luz vivente e vivificante do gérmen do feto e do feto nasce a sua efetividade absoluta que é a completude do ser da criança. A mesmidade do *conceito* que é o *começo* ou o *gérmen da criança* é a mesma *mesmidade* quando da efetividade do espírito consagrado e completo agora na criança quando, mais uma vez, todo o seu *espírito cognoscente* e além, se completa, ou melhor, se efetiva na brilhante luz de Deus. Tanto a sua forma corpórea, quanto o seu conteúdo espiritual são altamente contidos durante o processo de crescimento e desenvolvimento do feto; o que vai dar na origem divina consagrada da luz emanada de Deus. Nas palavras do próprio Hegel (2018b, p. 47, grifo meu), “a criança não é todavia um homem racional, somente tem disposições para isto; ela é apenas *razão* ou *espírito virtual*; somente por sua *formação e desenvolvimento* chega a ser *espírito*”.

Neste sentido e com este sentido, o gérmen nada mais é, na acepção hegeliana, um *espírito virtual* e/ou *virtualizante*. Como *espírito virtual*, ele é o seu *conteúdo virtual*. Hegel novamente afirma (2018b), p. 47, grifo meu): “Agora bem, por ser vivente em geral, o *espírito* consiste justamente nisto: em ser o *começo* somente *em si* ou em seu *conceito*, logo em surgir a existência, desenvolver-se, produzir-se, madurar, produzir seu próprio *conceito* ou o que ele é *em si*, de modo agora seu *conceito* ou o que é *em si* é agora *para si*”. Ou seja, segundo Hegel (2018a), o *conceito* é o *conceito-para-si-mesmo*; o que quer dizer que a lógica do espírito do gérmen de conteúdo virtual se *reafirma* nunca para fora, mas sempre para *dentro*; ou seja; o *espírito* é sempre o *dentro* e nunca o *fora*. Para Hegel (2018b), o espírito nunca é imediato, mas sempre virtual simplesmente porque a “immediatez” é própria não do *espírito*, mas da *matéria*, no sentido disto demonstrar que todo o espírito é *ascensão*, enquanto que, por outro lado e por outra via, o corpo (ou a matéria) é *imediato-de-si-mesmo*. Assim, a imediatidade da mesmidade do mesmo é a matéria (ou todo

corpo material), enquanto que, por outro lado e por outra via, a virtualidade da mesmidade do mesmo é o *espírito* (ou todo o corpo virtual e/ou espiritual). Assim, numa distinção muito aparente e preliminar, a matéria se dissocia do espírito neste específico dilema na ótica de Hegel, mas isto somente em linhas gerais.

Voltando finalmente ao contexto da planta, Hegel (2018b, p. 47, grifo meu): novamente explicita o seguinte: “a planta não está todavia acabada, no entanto está aqui como *gérmen*: esta débil existência do *gérmen* é sua existência primeira e abstrata; ela se desenvolve e chega a produzir-se *a si mesma*. Ao final, a planta se resume ao desenvolver a semente; este *começo* é também seu último produto. Na planta, há dois tipos de indivíduos: este grão que começa é diverso daquele que constitui a consumação de sua vida; aquele que madura o seu desenvolvimento. O mesmo se dá entre os viventes em geral: o fruto é diverso da primeira semente”. Assim, o *conceito* que é o *começo*, no contexto do *gérmen*, não é nem imediato, nem mesmo dinâmico; em contrapartida; aquilo que é “imediato” e/ou “dinâmico” é o *gérmen*; dentro de sua *envoltura espiritual específica*. Deste modo, se estrutura, digamos, de um modo geral, logicamente falando, o *começo* e/ou o *início* do espírito do *gérmen* de conteúdo sumamente *virtual da planta* (ou da árvore ou mesmo de qualquer outro tipo de ser do reino vegetal). Com este sentido e neste sentido, a dinâmica mesma acontece de modo mesmo *não-imediato*, mas como mesmo um *devenir*, quando o espírito surge ao espírito do *gérmen* como o *começo* do *início* da *vida* daquela planta. Por fim, talvez, só talvez, estas palavras já sejam o suficiente para tentar esclarecer, de modo imediato e de modo muito sintético, como a idealidade da ideia de um espírito do *gérmen* vai se *efetivando* até atingir a sua *efetividade absoluta* quando o *começar* do pensar em Deus se expressa somente e exclusivamente na idealidade da ideia do pensar. E, este pensar em Deus, só pode ser um ato virtual e abstrato por excelência.

REFERÊNCIAS

- HEGEL, G. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- _____. **Ciência da lógica I**: a doutrina do ser. Tradução de Christian Iber, Marloren I. Miranda, Federico Orsini e Agemir Bavaresco. Petrópolis: Vozes, 2016.
- _____. **Ciência da lógica II**: a doutrina da essência. Tradução de Christian Iber e Federico ORsini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- _____. **Ciência da lógica III**: a doutrina do conceito. Tradução de Christian Iber e Federico Orsini. Petrópolis, 2018a.
- _____. **Filosofía de la religión**: últimas lecciones. Tradução de Ricardo Ferrara. Madrid: Editora Trotta, 2018b.
- STEIN, E. **Ser finito y ser eterno**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1994.